

ANNE JACOBS

TEMPESTADE
sobre a
VILA
DOS
TECIDOS

LIVRO 5

TRADUÇÃO
ANA PINTO MENDES

 Planeta

Os residentes da Vila dos Tecidos

A FAMÍLIA MELZER

Johann Melzer (*1852-1919), fundador da fábrica de tecidos Melzer

Alicia Melzer (*1858), Maydorn de solteira, viúva de Johann Melzer

OS FILHOS DE JOHANN E ALICIA MELZER E RESPETIVAS FAMÍLIAS

Paul Melzer (*1888), filho de Johann e Alicia Melzer

Marie Melzer (*1896), Hofgartner de solteira, mulher de Paul

Melzer, filha de Luise Hofgartner e Jakob Burkard

Leopold, tratado por Leo (*1916), filho de Paul e Marie Melzer

Dorothea, tratada por Dodo (*1916), filha de Paul e Marie Melzer

Kurt, tratado por Kurti (*1926), filho de Paul e Marie Melzer

Elisabeth Winkler, tratada por Lisa (*1893), Melzer de solteira,
divorciada de Klaus von Hagemann, filha de Johann e Alicia
Melzer

Sebastian Winkler (*1887), segundo marido de Lisa Winkler

Johann (*1925), filho de Sebastian e Lisa Winkler

Hanno (*1927), filho de Sebastian e Lisa Winkler

Charlotte (*1929), filha de Sebastian e Lisa Winkler

Katharina Scherer, tratada por Kitty (*1895), Melzer de solteira,
viúva de Alfons Bräuer

Alfons Bräuer (*1886-1917), primeiro marido de Kitty Scherer

Henny (*1916), filha de Kitty Scherer e Alfons Bräuer

Robert Scherer (*1888), segundo marido de Kitty Scherer

OUTROS PARENTES

Gertrude Bräuer (*1869), viúva de Edgar Bräuer

Tilly von Klippstein (*1896), Bräuer de solteira, filha de Edgar
e Gertrude Bräuer

Ernst von Klippstein (*1891), ex-marido de Tilly von Klippstein

Elvira von Maydorn (*1860), cunhada de Alicia Melzer, viúva
de Rudolf von Maydorn

OS EMPREGADOS DA VILA DOS TECIDOS

Fanny Brunnenmayer (*1863), cozinheira

Else Bogner (*1873), criada de quartos

Maria Jordan (*1882-1925), antiga camareira

Hanna Weber (*1905), criada para todo o serviço

Humbert Sedlmayer (*1896), lacaio

Gerti Koch (*1902), antiga camareira

Christian Torberg (*1916), jardineiro

Gustav Bliefert (*1889-1930), jardineiro

Auguste Bliefert (*1893), camareira

Liesl Bliefert (*1913), ajudante de cozinha, filha de Auguste Bliefert

Maxl (*1914), filho de Auguste e Gustav Bliefert

Hansl (*1922), filho de Auguste e Gustav Bliefert

Fritz (*1926), filho de Auguste e Gustav Bliefert

Parte I

1

Augsburgo, maio de 1935

Pouco faltava para as dez da manhã. Os quartos dos patrões já estavam arrumados, as casas de banho limpas, os preparativos para o almoço avançados – agora, os empregados tinham tempo para um café com leite e para trincar alguma coisa na cozinha; afinal de contas, estavam a pé desde as cinco e meia da madrugada.

– Lá vem finalmente o postaleiro a pedalar – disse Auguste, de pé à janela da cozinha, a espreitar para a alameda da Vila dos Tecidos.

– A Vila dos Tecidos é sempre a última. Assim os patrões só recebem o correio quando estão a almoçar! – rosnou a cozinheira Fanny Brunnenmayer.

– Hoje vou voltar a perguntar-lhe se ele carrega o correio nacional ou o correio do caracol – considerou Humbert.

Hanna, que acabava de pousar em cima da comprida mesa da cozinha o cesto com os pãezinhos que haviam sobrado dos patrões, parou, assustada.

– Tem mas é cuidado, Humbert – avisou, receosa. – Esse não é para brincadeiras, diz-se que já denunciou pessoas.

O antigo e simpático carteiro passara à reforma meio ano antes, o que entristeceu muito todos os residentes da Vila dos Tecidos. O seu sucessor era feito de outra massa. Era jovem, não chegava aos trinta anos, magro como um galgo, pálido de cara e mal-humorado de temperamento. Além do mais, era um acérrimo membro do partido,

nacional-socialista desde a primeira hora, como ele próprio gostava sempre de se pavonear. Fora provavelmente isso que lhe angariara a contratação nos correios do Reich.

– Noutros tempos, não teriam aceitado um tamanho pateta – dissera Fanny Brunnenmayer. – Traz-nos três vezes por semana cartas endereçadas a outras pessoas e sabe-se lá a quem ele andarà a entregar o nosso correio! – O que mais incomodava no «postaleiro», como eles entretanto o haviam batizado, era, contudo, a sua empolada saudação hitleriana. Sempre que entrava no pátio da Vila dos Tecidos, levantava o braço direito e gritava um vigoroso «Heil Hitler», que se ouvia até lá em baixo na Haagstrasse. Se não se respondesse devidamente a esta saudação imposta pelo Estado, podia tornar-se desagradável. Anteon-tem, ele ameaçara Hanna, quando esta lhe respondera com um simpático «Bom dia», dizendo-lhe que em breve os católicos pecadores também seriam postos na linha. O que era evidentemente ridículo, mas não deixou de impressionar a temerosa Hanna.

– Não tarda nada entra no pátio – comunicou Auguste.

Hanna endireitou o avental e fez menção de ir a correr abrir a porta principal, mas Humbert segurou-a pelo braço.

– Tu não! – disse ele energicamente. – Eu vou lá e recebo-o condignamente.

– Por favor, não, Humbert – pediu ela. – Não podemos tratar assim um indivíduo como ele.

– Nesse caso, vou eu – propôs Liesl, pousando um abafador de café almofadado sobre a cafeteira, para que o café quente não esfriasse.

Mas a ideia não agradou a Fanny Brunnenmayer, pois Liesl era a sua protegida especial e, entretanto, era basicamente a sua sucessora.

– Tu é que não, Liesl! – ordenou. – Trabalhas aqui como cozinheira e não como criada de serviço.

Auguste revirou os olhos, percebendo que lhe ia tocar a ela. Dois anos antes, voltara a trabalhar na Vila dos Tecidos, depois de Gerti se ter despedido e a senhora Elisabeth não ter ficado agradada com as suas duas sucessoras. Auguste estava orgulhosa e contente com esta feliz coincidência e firmemente determinada a agarrar-se a ela até ao fim dos seus dias.

– Eu vou – disse ela. – Ele a mim não faz nada. Eu digo alegremente «Heil Hitler» e, se ele achar que eu tenho ainda de levantar o braço direito, faço-o saber que sofro neste momento de terríveis artroses e que não consigo sequer coçar o nariz.

Era mais do que tempo, pois o carteiro já estava a entrar com a bicicleta no pátio e tocava insistentemente a campainha do veículo. Humbert, furioso, pôs-se com Hanna à janela para observar a cena; também Liesl se lhes juntou então, apenas Fanny Brunnenmayer continuou sentada no seu banco, pois estava outra vez com as pernas inchadas e custava-lhe a levantar-se.

– Lá está ele de braço ao alto – disse Liesl. – E nem sequer desceu da bicicleta...

– Oh, Jesus! – exclamou Hanna. – Aquilo não está a correr bem!

– Não acredito! – exultou Humbert. – O volante fugiu-lhe das mãos. Limpinho! Para dentro do canteiro das flores. E bateu com a cabeça em cheio na borda do canteiro!

– As cartas todas espalhadas no pátio! – disse Hanna, levando, assustada, a mão à boca.

Também Fanny Brunnenmayer não queria perder tal espetáculo; levantou-se apesar das dores nas pernas e precipitou-se para a janela. Com efeito, a bicicleta estava estendida no pátio e o «postaleiro» estava sentado a seu lado, levando as duas mãos à cabeça. As duas sacas de cartas que vinham presas na traseira da bicicleta abriram-se na queda e uma parte do seu conteúdo derramou-se.

– Credo, Jesus Senhor! – ouviu-se o clamor enervado de Auguste. – Espero que não se tenha magoado!

O carteiro não se dignou a responder; procurava um lenço de assoar no bolso do casaco, pois estava a sangrar do nariz. Auguste descera, entretanto, a escadaria da entrada para prestar auxílio ao ferido.

– Sabe, eu estava mesmo a ver – disse ela, debruçada sobre a bicicleta. – A bicicleta com uma carga tão pesada, é preciso ir com as duas mãos no volante, senão é num instante enquanto perde o equilíbrio. Tem primeiro de descer da bicicleta, ter os pés bem assentes no chão antes de esticar o braço...

- Isso não tem nada a ver! – trovejou o acidentado atrás do lenço.
- O problema foi o caminho. Fez-me escorregar!
- Bom, eu cá não vejo nada no caminho – retorquiu Auguste.
- Espere, eu ajudo-o a apanhar as cartas...

– Largue as expedições postais! – ralhou o ferido, levantando-se a custo. – Estão sujeitas a sigilo postal. Traga-me um pano húmido.

Auguste continuava a comportar-se como se estivesse profundamente assustada e desfazia-se em prestabilidade.

– Para o nariz, não é? Oh, céus, está muito inchado. Se é que não se partiu! Depois vai ficar aí com uma bossa no nariz...

– Um pano húmido! – teimou o acidentado, experimentando baixar o lenço para apalpar o nariz. Estava efetivamente inchado.

Na cozinha reinava a pura e maldosa satisfação com o infortúnio do outro. Hanna lá acabou por se apiedar, tirou do armário uma toalha de cozinha lavada e passou-a debaixo da torneira.

– O trapo da pia teria sido mais do que suficiente – observou Humbert.

– Sai-me da frente, como é que podes ser tão malvado! – repreendeu-o ela, saindo a correr a levar a toalha a Auguste.

E ficaram então a ver pela janela o «postaleiro» a limpar o rosto, a apalpar uma e outra vez o nariz, voltando depois a erguer a bicicleta, cuja chapa de proteção estava agora amolgada. Infelizmente, ele decidiu encostá-la agora à parede da casa, deixando de se ver pela janela da cozinha. Via-se apenas a toalha molhada que ele atirou aos pés de Auguste. Voltou então a recolher as suas cartas e prendeu-as num maço debaixo do braço para as voltar a enfiar nas sacas.

– E então o correio da Vila dos Tecidos? – ouviu-se Auguste, persistente, a perguntar.

– Não pode esperar?

– Estou só a perguntar...

– Isto vai ter consequências – ameaçou. – Juro-lhe. Montaram-me uma armadilha. Havia alguma coisa no caminho!

– Eu cá não vi nada, posso jurar sem problema nenhum. Muito obrigada pelo correio. Não é propriamente muito, não se terá esquecido de alguma coisa?

– Isto vai ter consequências... – teimou o carteiro, furioso.

– Sim, certo – continuou Auguste a tagarelar descontraidamente, deslocando-se de cartas na mão na direção da escadaria. – Nesse caso, não tem nada que agradecer e da próxima vez veja lá se tem mais atenção. Sim, e «Heil Hitler» atrasado...

– Essa agora é que já não era preciso – observou Fanny Brunnenmayer à janela da cozinha, virando-se com um gemido para se voltar a sentar no banco.

– Lá vai ele na sua bicicleta – contou Liesl. – A força com que carrega nos pedais! Vai numa fúria que só visto.

– Espero que não venham daí chatices – suspirou Hanna. – Se os patrões forem denunciados por nossa causa...

– Oh, que grande medricas! – disse Humbert, pousando-lhe o braço sobre os ombros para a sossegar. – Vamos mas é comer a merenda, senão o café fica frio.

Auguste regressou à cozinha de semblante satisfeito.

– É assim a vida – disse ela a sorrir de orelha a orelha. – Quem anda com o nariz lá no alto não vê nada à frente do dito. Disse ao Christian para varrer depressa o pátio.

Correu então para a pia para lavar as mãos, sentando-se depois no seu lugar. Os outros também vieram para a mesa do pequeno-almoço. Tinham agora pouco tempo, a cozinheira tinha de tratar do almoço, Humbert tinha de pôr a mesa na sala de jantar e Auguste entraria ao serviço logo que, daí a pouco, Johann, Hanno e Charlotte chegassem da escola.

– Porque é que o Christian tem de varrer o pátio? – indagou Fanny Brunnenmayer.

Auguste já estava a mastigar um pão com manteiga que mergulhara no café com leite.

– Porque está para lá cascalho no chão.

– Cascalho?

– Oh, Deus do céu – exclamou Liesl, assustada. – O Christian ia encher esta manhã cedo os dois buracos que havia na alameda. Deve ter caído algum cascalho do carro de mão...

– Então o postaleiro... – balbuciou Hanna. – Quer dizer que o desgraçado acabou por escorregar no cascalho... – Humbert pousou o copo, porque quase se engasgara de tanto se rir.

– Grande homem, o Christian – riu-se. – Tem sempre aquele ar todo inofensivo, mas a verdade é que é um espertalhão!

– Mas ele não fez de propósito! – indignou-se Liesl. – O meu Christian jamais faria uma coisa dessas!

Humbert fez um gesto que retirava importância à conversa e esticou a mão para pegar num pedaço de presunto fumado e pô-lo no pãozinho cortado.

Fanny Brunnenmayer passou os olhos pelo relógio da cozinha e olhou em volta como quem procura alguma coisa.

– Onde é que se meteu a Else?

Realmente... Else não aparecera para a merenda. Fora tanta a agitação que nem se haviam dado conta. Desde logo porque Else, de qualquer modo, passava a maior parte do tempo a dormir sentada à mesa e era preciso acordá-la para comer. Else ia envelhecendo, já mal conseguia arrumar um quarto e já há muito que não batia tapetes. Contudo, na Vila dos Tecidos, nenhum empregado era mandado embora por causa da idade. Else fazia parte da casa, trabalhava o que ainda conseguia, sentava-se com os outros na cozinha e continuava a ocupar o seu quarto no sótão.

– Esta manhã ela estava aqui – disse Humbert.

– Pois estava. Subimos as duas ao primeiro andar – ouviu-se Auguste dizer. – Ela foi então para o quarto dos patrões para lhes fazer as camas e eu fui para a casa do lado arranjar as crianças para a escola.

Hanna estivera a arrumar o salão vermelho e o jardim de inverno, onde os patrões haviam estado no serão anterior, há dias que ninguém usava a sala de fumo. Nos quartos dos «patrõezinhos», ou seja, Dorothea e Leopold, só era preciso limpar um pouco o pó, pois estavam neste momento desocupados. Leo fizera no ano passado o exame final do liceu e estudava agora Música e Composição em Munique. A irmã Dodo abandonara a escola – para horror da mãe – pouco antes de fazer o exame para frequentar em Staaken, Berlim, uma formação de piloto de aviões

a motor. O dispendioso curso fora financiado pela tia Elvira, que, entretanto, se adaptara lindamente à vida na Vila dos Tecidos e era uma adepta das ambições de voo de Dodo.

– Vou ver por onde anda – disse Hanna, esvaziando rapidamente o copo. – Vai-se a ver e a Else adormeceu num sítio qualquer.

– Não percebo como é que ela não se controla – resmungou Fanny Brunnenmayer. – É uns bons oito anos mais nova do que eu, mas mais parece uma velhinha de cem anos!

A cozinheira de longa data da Vila dos Tecidos já alcançara os setenta e dois anos, mas continuava a dirigir a cozinha com pulso de ferro, supervisionando o trabalho da sua «sucessora» e deitando ela própria a mão sempre que o considerasse necessário. Afligiam-na apenas as pernas. Os joelhos estavam permanentemente muito inchados e dolorosos, também os pés já não queriam fazer o que lhes competia, pelo que só conseguia caminhar com umas largas pantufas de feltro.

– Mas isso deve ser porque passei cinquenta anos em frente do fogão – considerou, de mau humor.

A campainha do terraço tocou – era para Auguste, que se levantou com um suspiro, pois a senhora Elisabeth estava lá sentada ao sol com o marido e queria provavelmente mais um jarro de limonada e bolinhos acabados de fazer. Quando já estava na porta que dava para o vestíbulo, Hanna apareceu no corredor de serviço, trazendo pela mão uma Else em absoluto desespero.

– Cá estás tu, Else! – exclamou Auguste. – Onde é que te enfiaste? Demos pela tua falta.

Else soluçou e limpou as lágrimas com as costas da mão.

– Logo me haveria de acontecer isto na velhice... – chorou. – Espero que ninguém diga nada aos patrões. Estou envergonhada de morte...

– Primeiro bebe lá um café com leite, Else – disse Hanna para a sossegar. – Ninguém sequer se deu conta de nada, porque te encontrei a tempo.

Para sua grande pena, Auguste já não tinha tempo para mais perguntas, tinha de se despachar, pois a senhora Elisabeth era uma pessoa impaciente. Na cozinha, contudo, ficaram a saber que Else,

depois do extremo esforço a fazer as camas, se sentira muito cansada e adormecera. Hanna fora encontrá-la abençoadamente a ressonar em cima da cama do patrão.

– Isso já foi longe demais! – ralhou Fanny Brunnenmayer, indignada.
– Se o patrão tivesse ido lá dar contigo, teria ficado de certeza muito admirado!

Else sentou-se à mesa, cabisbaixa, e deixou-se consolar por Hanna, bebeu café sem leite em grandes tragos e garantiu uma e outra vez que tal coisa jamais voltaria a acontecer.

– Agora estou bem acordada – considerou ela. – Foi um aviso do Senhor, é o que foi, para eu me controlar.

Sentado do outro lado da mesa, Christian meteu para dentro o último pãozinho e bebeu circunspectamente o seu café com leite. Também ele estava com peso na consciência, já que percebera, entretanto, o problema que causara.

– Enchi o carrinho de mão com algumas pazadas de cascalho a mais – admitiu. – Como não me apetecia fazer o trajeto três vezes, enchi demasiado o carro nas duas viagens. E como contornei acelerado o redondel das flores, derramou-se um pouco da carga para o pátio. Eu pensei em varrer logo, mas depois vi que o garanhão tinha voltado a partir a vedação e então fui...

– Está tudo bem, Christian – consolou Liesl, que já estava ao fogão a refogar as cebolas para o gulache.

– Não tens culpa se o pateta não sabe andar de bicicleta.

– E se ele agora apresentar queixa? – preocupou-se Christian.
– Sabendo que ele de qualquer modo já anda atrás de nós. Em abril, lembras-te, ele fez todo aquele circo por não termos pendurado as bandeiras com a suástica.

Efetivamente, ficara esquecido o içar das bandeiras pelo aniversário do *Führer*, mas mais tarde acabara por ser feito. Também a família Melzer se vira forçada a conformar-se com o novo regime que controlava, entretanto, o país com mão de ferro. Desde logo por causa da fábrica, que só sobreviviera à crise com muita dificuldade e que não teria hipótese nenhuma de ter encomendas sem uma clara orientação

segundo o espírito nacional-socialista. Havia acontecido coisas terríveis, dois anos antes, quando Adolf Hitler fora eleito chanceler do Reich e, pouco depois, os nacionais-socialistas alcançaram a maioria nas eleições para o Parlamento. Escassos dias depois, foi implementada em todo o lado a Revolução Nacional, como lhe chamavam os nazis. Também em Augsburg se registaram inúmeras detenções. Chamavam-lhe detenção preventiva quando uma pessoa que não agradasse aos nazis era levada durante a noite, ou mesmo em plena luz do dia, para a prisão do tribunal, a Katzenstadel, e daí para o campo de concentração de Dachau. Foram apanhados na rede respeitáveis cidadãos, vereadores do Partido Social-Democrata e do Partido Comunista e sindicalistas, mas também trabalhadores simples. Também na fábrica dos Melzers alguns haviam sido levados, sendo que ninguém voltara a pôr os olhos em cima da maioria deles. Com a ajuda de bons amigos, os Melzers conseguiram livrar do campo de concentração de Dachau apenas o senhor Winkler, que logo de início fora levado para a prisão. Contudo, os nazis só o deixaram sair da Katzenstadel passadas quatro semanas. Nessa altura, a senhora Elisabeth pôde ir buscar o marido e Humbert levava o carro. Humbert ainda não recuperara inteiramente do aspeto do prisioneiro então libertado.

– Estava muito fraco – contara ele. – O cabelo foi rapado e tinha um monte de mossas no rosto. Espancaram-no. Deram-lhe pontapés na cara com as botas. Qualquer criminoso inveterado é mais bem tratado do que os infelizes que são agora levados na noite e no nevoeiro.

Desde então, o senhor Winkler vivia na Vila dos Tecidos como um prisioneiro, já não ousava ir ao centro de Augsburg e passava o tempo com a família, saía no máximo até às cavalariças da tia, onde os filhos aprendiam a montar. E nos serões – assim contara Auguste – escrevia um qualquer livro «erudito». Já não podia mostrar a cara na fábrica, onde antes tratava da contabilidade.

– É uma vergonha – dizia amiúde Fanny Brunnenmayer. – Foi sempre bem-intencionado com as suas ideias comunistas, o senhor Winkler. É um bom homem, não faria mal a uma mosca.

– Acho que nos devemos dar por muito satisfeitos por ele estar outra vez connosco – observou ainda Humbert.

Depois do primeiro susto, todos se adaptaram cautelosamente às novas circunstâncias. Não havia outra forma – a vida tinha de continuar. Na fábrica, as coisas corriam melhor, haviam sido contratados trabalhadores, a tecelagem voltara a ter encomendas e as dívidas estavam pagas. No entanto, agora também só havia encomendas de curta duração, há muito que a indústria têxtil não estava em tão boa forma como outros setores em Augsburg, sobretudo a MAN, onde, entretanto, tinham de laborar em turnos extra. Mas a preocupação dos empregados da Vila dos Tecidos, de que pudessem acabar por ter de servir um patrão desconhecido ou mesmo de perder o seu emprego, essa, já não atormentava ninguém. Ao invés, a cozinheira alegrava-se por ter novamente abundância de recursos e poder mimar os patrões com todo o tipo de refeições a seu bel-prazer. Sobretudo, ela tinha agora a possibilidade de transmitir a Liesl as suas artes de culinária, entretanto há quatro anos casada com o jardineiro Christian. Por enquanto não havia novidades da parte de Liesl e Fanny Brunnenmayer estava bem contente com isso, pois caso contrário Liesl talvez tivesse renunciado ao seu emprego na Vila dos Tecidos. O que teria sido uma pena, já que tinha um grande talento para a culinária.

– O melhor é não terem crianças – considerava a cozinheira. – Têm os dois um bom emprego, não sobra tempo para criar meninos.

Não obstante, todos sabiam que Liesl e Christian gostariam muito de ter um filho. Só que a cegonha recusava-se simplesmente a vir.

Hoje, Christian estava com pressa de voltar ao jardim, dizia ele que queria plantar novas flores nos canteiros do terraço. Ficaram então na cozinha apenas Else, Liesl e Fanny Brunnenmayer. Liesl pusera à frente de Else a tábua de madeira com o cebolinho e ainda uma faca de cozinha, para que tivesse alguma coisa que fazer, não fosse voltar a adormecer. Fanny Brunnenmayer estava sentada à mesa a moldar as almôndegas de batata, mergulhando sempre as mãos numa taça com água fria, para que a massa não se colasse aos dedos. Liesl adicionava diversos ingredientes ao gulache, cuja fragrância já se espalhava deliciosamente por toda a cozinha.

– Não te esqueças da noz-moscada, Liesl – alertou a cozinheira. – Só uma pitadinha, mas não pode faltar. Puseste demasiado alho, já me está sempre a vir ao nariz...

– Oh, céus – suspirou Liesl. – Eu bem que temia isso, mas já estava feito.

Else cortara obedientemente o cebolinho em pedacinhos e levantou-se para levar a tábua à cozinha. Esta passou brevemente os olhos e observou que para a salada bem que podia ter cortado os caules um bocadinho mais pequenos.

– Acabou de entrar um carro no pátio – anunciou Else.

– Deve ser o patrão – presumiu Liesl. – Mas está a chegar cedo...

– Não é o carro do patrão – contradisse Else. – É uma visita.

– Visita? – resmungou a cozinha. – Se alguém me tivesse dito alguma coisa... Fiz uma ou duas almôndegas a mais, mas vamos ter de fazer esticar o gulache. Quem é, Else? Consegues ver da janela?

Else foi até à janela e comunicou que uma senhora desceu do automóvel.

– Uma mulher seca, mas que veste roupas caras. E tem motorista. Veio segurar-lhe a porta e fez-lhe uma reverência como se fosse uma rainha. Agora virou-se, sim, conheço-o... aquele não é... não é o russo?

– Que russo? – admirou-se Liesl. Mas Fanny Brunnenmayer compreendera.

– Será o Grigori? Aquele que em tempos seduziu a nossa Hanna e depois também andou a fazer olhinhos à Auguste? Se for ele, então também sei quem acabou de sair do automóvel.

Liesl conhecia estas histórias apenas de ouvir contar, pelo que encolheu os ombros e continuou a mexer o gulache.

– Quem é, então? – perguntou por sobre os ombros.

– Serafina, a abécua – foi a resposta de Fanny Brunnenmayer. – Essa acabou por contratar o Grigori como motorista quando voltou de Maydorn.

– Serafina Grünling – admirou-se Else. – Aquela que foi preceptora aqui na Vila dos Tecidos, quando ainda era «von Dobern»?

– Essa mesma – rosou a cozinha, colocando as últimas almôndegas num grande prato. – Só que o Grünling também já lá vai. Divorciou-se dele.

– E porquê? – espantou-se Else. – Afinal de contas, ficou rica quando se casou com ele.

– Sem dúvida – retorquiu Fanny Brunnenmayer. – Mas o Grünling é judeu.

– Ah, bom – disse Else, como se tal fosse uma explicação conclusiva.

– E que vem ela aqui fazer à Vila dos Tecidos?

– Coisa boa não é de certeza! – rosnou Fanny Brunnenmayer, levantando-se com um gemido para pôr as almôndegas na água a ferver.